



DENISE PEREIRA
MARISTELA CARNEIRO
(ORGANIZADORAS)

FENOMENOLOGIA E CULTURA: IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS 3

 **Atena**
Editora

Ano 2021



DENISE PEREIRA
MARISTELA CARNEIRO
(ORGANIZADORAS)

FENOMENOLOGIA E CULTURA: IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS 3

Atena
Editora

Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa

Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará

Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Sidney Gonçalo de Lima – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo

Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliã Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Fenomenologia e cultura: identidades e representações sociais 3

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Flávia Roberta Barão
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadoras: Denise Pereira
Maristela Carneiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F339 Fenomenologia e cultura: identidades e representações sociais 3 / Organizadoras Denise Pereira, Maristela Carneiro. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-965-3

DOI 10.22533/at.ed.653211504

1. Fenomenologia. I. Pereira, Denise (Organizadora). II. Carneiro, Maristela (Organizadora). III. Título.

CDD 142.7

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Não conhecemos a realidade senão através de uma vasta cadeia de filtros, aos quais atribuímos diferentes nomenclaturas – imaginário, mundo das ideias, percepções, identidades, representações. De certa forma, essa afirmação é um tipo de clichê recorrente nos estudos da grande área das Humanidades, o que, todavia, não a torna vazia de sentido. As palavras encapsulam compreensões complexas, assim como diversos recursos comunicacionais e formas de arte, que são tentativas humanas de interpretar o que está ao seu redor e responder de uma forma que seja interpretável, o que produz uma imensa coleção de linguagens e arquétipos, todos estes meios, à sua própria forma, representações.

Representações de ideias, de objetos, pessoas, grupos, povos, países, equipes esportivas, cidades, ícones religiosos... É certo que o mundo, os acontecimentos que nele se desenrolam e as pessoas ao nosso redor são entidades só suas, inatingíveis para nós em sua forma mais essencial, e só podemos nos apropriar delas quando criamos palavras (e, portanto, conceitos) que as descrevem ou quando elaboramos enunciados explicativos, sejam eles saudações, discursos políticos, poemas ou selfies. Todos são descrições de algo, imagens de algo, apresentações de algo por alguém, re-apresentações – destarte, representações.

Parece pessimista pensar de tal forma. Que toda tentativa de comunicação é uma “mensagem numa garrafa” enfrentando a violência e a inconstância do mar, sem que aquele que a enviou jamais possa ter certeza de que sua missiva chegará ao destinatário previsto, no momento certo e em perfeitas condições. Palavras, imagens, sons, gestos: todos estes esforços comunicativos são, afinal de contas, tentativas. Há ruídos de interlocução que impedem uma suposta troca perfeita de representações: há mentiras, há ironias, há variações linguísticas.

Todavia, essa margem ampla de significação que é inerente à toda forma de representação guarda sempre uma generosa oportunidade: a de debater e problematizar os conceitos guardados naquilo que é representado. É através dessa dinâmica de desconstrução do que é tido como convencional e estabelecido de maneira pétrea que línguas ou narrativas históricas, por exemplo, podem ser revistas e reelaboradas.

Este e-book reúne uma variedade de textos que tratam de representações, de formas de se ver e se entender a realidade. Algumas dessas representações são arbitrárias e ancoradas apenas em percepções preconceituosas e ignorantes, outras são frutos de longas trajetórias de trocas simbólicas – o que não as torna menos problemáticas ou dignas de questionamentos. Arquitetura, literatura, paisagismo, gestão urbana, percepções de gênero, todos estes campos são capazes de estabelecer discursos, ocasionalmente por gerações, e cabe a pesquisadores de fôlego como os aqui apresentados, seguir interpretando esses fenômenos.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira
Maristela Carneiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A CULTURA ORDINÁRIA DA CIDADE DE CLEVELÂNDIA COMO EXPRESSÃO DA TRAJETÓRIA DE VIDA DE UMA BENZEDEIRA

Maralice Maschio

DOI 10.22533/at.ed.6532115041

CAPÍTULO 2..... 11

A IMAGEM DO ENSINO: COMO É VISTA UMA INSTITUIÇÃO EDUCACIONAL PELOS GESTORES LOCAIS

Valéria dos Santos Nascimento

Vanessa Brasil Campos Rodríguez

DOI 10.22533/at.ed.6532115042

CAPÍTULO 3..... 21

BIODIVERSIDADE E IDENTIDADE LOCAL: O POTENCIAL DAS PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS PARA A VALORIZAÇÃO DA AGRICULTURA URBANA DE CURITIBA

André de Souza Lucca

Layssa Kmiecik

DOI 10.22533/at.ed.6532115043

CAPÍTULO 4..... 34

CONTEXTUALIZAÇÃO DAS DISCIPLINAS MINISTRADAS EM INGLÊS DA PUCRS

Kelvin Milost Arend

DOI 10.22533/at.ed.6532115044

CAPÍTULO 5..... 48

DIÁLOGOS TEÓRICOS COM CHARLES TAYLOR, AXEL HONNET E NANCY FRASER SOBRE RECONHECIMENTO IDENTITÁRIO DAS MULHERES

Salete da Silva Hoch

Rosângela Angelin

DOI 10.22533/at.ed.6532115045

CAPÍTULO 6..... 60

ESTIGMA E DISCRIMINAÇÃO DE MULHERES QUE VIVEM COM VIH NA CIDADE DE MAPUTO, MOÇAMBIQUE

Oswaldo Matavel

Marta Maia

Mohsin Sidat

Maria Martins

Sónia Dias

DOI 10.22533/at.ed.6532115046

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 7 | 75 |
| FERNANDO CHACEL E A PRESERVAÇÃO DA PAISAGEM CONSTRUÍDA: A PRAÇA DA VILA OPERADORA DE FURNAS PLANURA/MG | |
| Maria Eliza Alves Guerra | |
| Guilherme Silva Graciano | |
| DOI 10.22533/at.ed.6532115047 | |
| CAPÍTULO 8 | 93 |
| GESTÃO DE CIDADES COM BASE NAS REFERÊNCIAS CULTURAIS | |
| Lilian Rodrigues de Oliveira Rosa | |
| Adriana Silva | |
| Helena de Oliveira Rosa | |
| DOI 10.22533/at.ed.6532115048 | |
| CAPÍTULO 9 | 105 |
| NA BORDA DO QUADRADO AZUL: A DIFUSÃO DA ARQUITETURA BRASILEIRA NO PERIÓDICO <i>LE CARRÉ BLEU</i> | |
| Marianna Gomes Pimentel Cardoso | |
| DOI 10.22533/at.ed.6532115049 | |
| CAPÍTULO 10 | 118 |
| O HOMEM E OS LIVROS: OS PRINCÍPIOS NORTEADORES DA LITERATURA DE HOWARD FAST | |
| Rafael Belló Klein | |
| DOI 10.22533/at.ed.65321150410 | |
| CAPÍTULO 11 | 131 |
| OS DESAFIOS DA REPATRIAÇÃO DE BENS PATRIMONIAIS: UMA DISPUTA NO CAMPO DA POLÍTICA INTERNACIONAL | |
| André Portela do Amaral | |
| DOI 10.22533/at.ed.65321150411 | |
| CAPÍTULO 12 | 143 |
| REPRESENTAÇÕES SOCIAIS CONSTRUÍDAS POR RAPAZES GAYS SOBRE “MODOS DE VESTIR GAY” | |
| Adair Marques Filho | |
| Ana Lúcia Galinkin | |
| DOI 10.22533/at.ed.65321150412 | |
| CAPÍTULO 13 | 161 |
| SARAUS E SERESTAS EM GOIÁS: PROCESSOS IDENTITÁRIOS E INTERAÇÕES COM A MODINHA | |
| Ludmylla Cristina Guilardi | |
| Magda de Miranda Clímaco | |
| DOI 10.22533/at.ed.65321150413 | |

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 14..... | 174 |
| A VERDADE E A PÓS-VERDADE SOB A PERSPECTIVA DO PENSAMENTO DE WITTGENSTEIN | |
| Alexandre Ribeiro Martins | |
| Geraldo Magela Pieroni | |
| DOI 10.22533/at.ed.65321150414 | |
| SOBRE AS ORGANIZADORAS..... | 188 |
| ÍNDICE REMISSIVO..... | 189 |

CAPÍTULO 14

A VERDADE E A PÓS-VERDADE SOB A PERSPECTIVA DO PENSAMENTO DE WITTGENSTEIN

Data de aceite: 01/04/2021

Alexandre Ribeiro Martins

Doutorando em Filosofia pela PUC PR.
Professor do Centro Universitário Santa Cruz.

Geraldo Magela Pieroni

Doutor em História pela Sorbonne – Paris IV.
Professor do Programa de Pós-Graduação em
Comunicação da UTP.

RESUMO: A pós-verdade é um fenômeno contemporâneo que se tornou amplamente analisado a partir de vários olhares, dentre eles, o da Filosofia. Neste sentido, esta pesquisa apresenta-se como mais um esforço filosófico para entender a tensão existente entre a verdade e a pós-verdade, bem como os mecanismos que as delimitam. Entretanto, buscaremos a partir da filosofia de Ludwig Wittgenstein, compreender esta questão para além daquilo que comumente é afirmado, quando se trata da verdade e da pós-verdade como opostos, para analisarmos a proximidade entre uma e outra, ambas, manifestas no âmbito da linguagem e da gramática. Na filosofia do primeiro Wittgenstein, a verdade é possível a partir da relação necessária que ela estabelece com a realidade, contudo, em sua segunda fase, o filósofo abandona a ideia da verdade e de seu possível suporte fiel ao mundo externo e/ou metafísico, para tratá-la como uma espécie de convenção, que se dá no interior de um jogo, a partir de uma realidade prática. É neste ponto que sustentamos nossa tese, a de

que a verdade e a pós-verdade se confundem e seus possíveis limites se desfazem, afinal, sem qualquer possibilidade de fundamento, se dilui o problema enunciado, como em uma terapia filosófica.

PALAVRAS - CHAVE: verdade, pós-verdade e Wittgenstein

ABSTRACT: The post-truth is a contemporary phenomenon that has become widely analyzed from various perspectives, among them that of Philosophy. In this sense, this research presents itself as another philosophical effort to understand the tension between truth and post-truth, as well as the mechanisms that delimit them. However, we will seek from Ludwig Wittgenstein's philosophy to understand this question beyond what is commonly asserted, when it comes to truth and post-truth as opposites, to analyze the closeness between one and the other, both manifested in the context of language and grammar. In the philosophy of the first Wittgenstein, truth is possible from the necessary relation that it establishes with reality; however, in its second phase, the philosopher abandons the idea of truth and its possible faithful support to the external and / or metaphysical world, to treat it as a kind of convention, which takes place within a language game, from a practical reality. It is at this point that we hold our thesis, that truth and post-truth are confused and their possible limits are undone, after all, without any possibility of foundation, dilutes the problem enunciated, as in a philosophical therapy.

KEYWORDS: truth, post-truth and Wittgenstein

11 INTRODUÇÃO

A pós-verdade é um tema de fundamental relevância à contemporaneidade, já que vivemos em plena era da informação. Uma prova disso é que, atualmente, o site de busca Google registra aproximadamente 151 milhões de páginas em língua portuguesa, e mais de 1 bilhão e duzentas mil páginas em língua inglesa, relacionados ao tema¹. De acordo com o dicionário Oxford, a pós-verdade, eleita pelo mesmo como a palavra do ano em 2016, é um discurso “relativo a circunstâncias em que fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que emoções e crenças pessoais” (ENGLISH OXFORD LIVING DICTIONARIES, 2016).

Nesse sentido, entende-se por pós-verdade a construção de narrativas que se instituem a partir da distorção da realidade objetiva, destacando intencionalmente o que interessa, e encobrendo o restante. Para Llorente, resulta na relativização da verdade. Assim, o

(...) valor ou a credibilidade dos meios de comunicação se veem reduzidos diante das opiniões pessoais. Os acontecimentos passam a um segundo plano, enquanto o “como” se conta a história ganha importância e se sobrepõe ao “o quê”. Não se trata, então, de saber o que ocorreu, mas de escutar, assistir, ver, ler a versão dos fatos que mais concorda com as ideologias de cada um (LLORENTE, 2017, p. 9).

Para Castilho (2016), o cenário que possibilitou a difusão das informações caracterizadas como pós-verdadeiras relaciona-se fundamentalmente com as novas tecnologias de informação e comunicação. Vivemos na chamada sociedade da informação, em um ambiente em que “(...) nos países industrializados, constituem uma tendência dominante mesmo para economias menos industrializadas e definem um novo paradigma, o da tecnologia da informação, que expressa a essência da presente transformação tecnológica em suas relações com a economia e a sociedade” (WERTHEIN, 2000, p. 72). Esta sociedade da informação, portanto, é a marca da contemporaneidade.

Para Castells (2000), a sociedade da informação é caracterizada fundamentalmente quando: a informação passa a ser uma matéria prima, diferentemente de outrora em que as informações eram um meio para adaptar-se, atualmente, elas constituem-se como uma forma de ação e atuação sobre o meio; os efeitos das novas tecnologias tornam-se rapidamente parte do cotidiano das pessoas, de modo individual e coletivo, o que torna o agir humano diretamente relacionado à informação; a chamada lógica das redes deixa de fazer parte de relações informacionais mais complexas, para integrar o acesso a qualquer informação; a flexibilidade possibilita processos reversíveis, a partir da modificação e da reorganização de componentes que, sob a ótica da constância das informações, torna-se reconfigurável; e a crescente convergência de tecnologias, interligando várias áreas do saber, a partir da conversão de categorias segundo as quais pensamos todos os processos.

¹ Estes dados referem-se à pesquisa feita em dezembro de 2020, no site <www.google.com.br>.

Ora, se a sociedade contemporânea é marcadamente uma sociedade da informação, em que o seu acesso é um veículo capaz de configurar o cenário social, a pós-verdade é um novo elemento reconfigurador do meio em que vivemos. Assim, longe de ser considerada como inofensiva, a pós-verdade está diretamente ligada a produção de informações e notícias que, de acordo com Allcott e Gentzkow (2017, p. 213-214), geraram um grande impacto na opinião pública e, em desdobramento a isso, reconfiguraram o cenário social e econômico.

Exemplos deste impacto não faltam. No Brasil, de acordo com o Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas de Acesso à Informação da USP, três em cada cinco notícias compartilhadas envolvendo o caso do impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff, eram falsas (SENRA, 2017). Já nas últimas eleições, o presidenciável Jair Bolsonaro teve sua campanha marcada pela presença de notícias falsas. Não só a campanha, mas toda gestão presidencial é marcada pelas *fake-news*², constantemente noticiadas nos diversos meios de comunicação.

Diante deste fenômeno, muitos pensadores têm se debruçado para refletir sobre a tensão existente entre a verdade e os discursos da pós-verdade. Entretanto, se tomarmos como suporte os pensamentos do filósofo vienense, Ludwig Wittgenstein, defrontamos com um problema inicial, afinal, existe alguma realidade que não seja aquela que é representada pela linguagem?

Durante o período em que Wittgenstein desenvolveu sua filosofia a partir da lógica³, a linguagem estabelece uma forma de conexão com a realidade, como um elemento capaz de, por meio da lógica, representar a totalidade dos fatos no mundo. Assim, quando falamos sobre o mundo, já estamos dentro da forma lógica da qual ele também faz parte e, por isso, nos é impossível qualquer possibilidade de vê-la de fora. Linguagem e mundo são um só. É por isso que o filósofo indaga que “para podermos representar a forma lógica, deveríamos poder-nos instalar, com a proposição, fora da lógica, quer dizer, fora do mundo” (TLP 4.12).

Entretanto, a partir da obra *Investigações Filosóficas* (1953), a produção filosófica de Wittgenstein sofreu uma guinada, e a perspectiva lógica e metafísica, deram lugar para uma análise mais complexa da linguagem, tratando-a a partir de um campo de compreensão embasado em “semelhanças de família”, correlatas em jogos linguísticos.

Ora, se a representação da realidade é, para Wittgenstein, também um fenômeno

2 Sobre esta questão, ver VISCARDI, Janaisa Martins. FAKE NEWS, VERDADE E MENTIRA SOB A ÓTICA DE JAIR BOLSONARO NO TWITTER. *Trab. linguist. apl.* vol.59 no.2 Campinas May/Aug. 2020 Epub Sep 16, 2020, disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132020000201134&tlng=pt. Acesso 20/12/2020.

3 Trataremos aqui como fase lógica as obras que compreendem o período da Primeira Guerra Mundial, até o *Tractatus Logico-Philosophicus*. Para realização desta pesquisa, utilizaremos a versão do *Tractatus Logico-Philosophicus* de WITTGENSTEIN, Ludwig. Traduzido por SANTOS, Luiz Henrique Lopes dos. São Paulo: Ed. USP, 2008. A partir desta apresentação, a obra será referenciada como TLP. Ainda nesta fase lógica, valeremo-nos da versão em espanhol de ambas as obras: WITTGENSTEIN, Ludwig. *Diarios Secretos – Edición*. BAUM, Wilhelm. Madrid: Alianza Editorial, 2008; WITTGENSTEIN, Ludwig. *Cuadernos de notas (1914-1916)*. Trad. ALONSO, Juan David Mateu. Madrid: Editorial Síntesis, 2009. Por fim, também nos serve como referência a obra *Notebooks 1914 – 1916* de WITTGENSTEIN, Ludwig. Chicago: The University of Chicago Press, 1984, na versão inglesa.

da linguagem, seria correto pensar que ao descrevermos algo ou algum acontecimento, o fazemos de modo neutro? Se admitirmos que existe alguma intencionalidade em nossa linguagem e, conseqüentemente, na realidade, ainda conseguimos sustentar que as descrições e relatos acerca da realidade acontecem fora também desse jogo de intencionalidades? Diante destes questionamentos, metodologicamente, para que consigamos pensar a existência ou não de limites entre a verdade e a pós-verdade, precisamos inicialmente analisar, como enunciamos anteriormente, de que modo o filósofo compreendia a questão da verdade, em suas duas fases de produção, como veremos na seqüência.

21 A PÓS-VERDADE COMO FENÔMENO CONTEMPORÂNEO E A QUESTÃO DA VERDADE PARA WITTGENSTEIN

Se a pós-verdade é uma discussão amplamente realizada na atualidade, a ponto de prefigurar, como afirma Castilho (2016), como um fenômeno inédito, a verdade e a tensão existente entre a realidade e a percepção é, de longe, uma novidade para a Filosofia. Ludwig Wittgenstein, no século XX, foi um dos filósofos que refletiu sobre a possibilidade da verdade. Acerca desta reflexão, questionamo-nos sobre até que ponto é possível pensar a tensão entre o problema da verdade e da pós-verdade a partir de como Wittgenstein concebia a verdade?

Inicialmente, em sua primeira fase de produção, delineada a partir da obra “*Tractatus Logico-Philosophicus*” (1921), Wittgenstein acreditava que, de alguma forma, o mundo interno estava diretamente relacionado ao mundo externo. Por isso, “na figuração e no afigurado deve haver algo de idêntico, a fim de que um possa ser, de modo geral, uma figuração do outro” (TLP, 2. 161). Assim, na figuração e no afigurado, haveria uma relação que corresponde a uma conexão necessária. Isto quer dizer que a percepção corresponde à realidade, o que permite o acesso a verdade. Além disso, dada esta conexão necessária, seria possível identificar as distorções existentes entre percepção e realidade a partir da lógica, enquanto uma categoria do pensamento e da representação do mundo (TLP, 2. 19).

Por isso, para Wittgenstein “o que a figuração deve ter em comum com a realidade para poder afigurá-la à sua maneira – correta ou falsamente – é a sua forma de afiguração” (TLP, 2. 17). A questão da verdade e da pós-verdade, no primeiro Wittgenstein, reverbera sobre a averiguação entre a linguagem e a realidade, tendo como pano de fundo a “forma lógica”, isto porque “as proposições lógicas descrevem a armação do mundo, ou melhor, representam-na” (TLP 6.124).

Já nas IF, Wittgenstein abandonou esta identificação entre figurado e afigurado, para ressignificar a linguagem, destituindo-a totalmente de qualquer caráter metafísico ou de acesso necessário à realidade, entendendo que, ao invés da lógica como modelo e “armação” da realidade, a linguagem constitui-se como jogo.

O jogo de linguagem foi abordado inicialmente por Wittgenstein a partir de 1930, ao comparar sistemas axiomáticos a um jogo de xadrez. A analogia “tem origem nos formalistas, que tratavam a aritmética como jogo praticado com símbolos matemáticos” (GLOCK, 1998, p. 225). Para tanto, criticou Frege, por não concordar com a dicotomia proposta pelo matemático, que restringia a analogia na aritmética permitindo tratar de signos ou daquilo que os signos substituem. Isso porque, para Wittgenstein, “a aritmética não versa ‘sobre’ marcas de tinta, do mesmo modo que o xadrez não é um jogo que diga respeito a peças de madeira” (GLOCK, 1998, p. 255).

Logo, para o filósofo, existe uma analogia do jogo à linguagem como um todo, uma vez que a própria linguagem é guiada por regras, a gramática. Jogos de linguagem são, portanto, regras estabelecidas pela própria linguagem, a partir do lugar que ela ocupa nas práticas humanas. Este lugar, de acordo com Glock (1998, p. 228), define quatro diferentes entendimentos acerca do próprio conceito de jogo de linguagem, a primeira está ligada ao “modo de usar” signos mais simples do que a nossa linguagem cotidiana, como as utilizadas pelas crianças, inferindo, portanto, o jogo como um sistema de comunicação, em que o significado é apreendido a partir da observação do significante. Neste caso, as práticas de ensino são válidas na medida delimitam traços distintivos do uso que fazemos das palavras. O segundo modo em que os jogos de linguagem se aplicam, diz respeito às práticas linguísticas, hipotéticas ou inventivas, que têm como pressuposto servir como objetos de comparação. Em terceiro lugar, encontram-se as atividades linguísticas, bastante recorrentes a partir das Investigações Filosóficas, em que os jogos de linguagem passam a aplicar-se a situações reais e mais complexas, como mentir, contar histórias, relatar sonhos, bem como a possibilidade de fazer hipóteses indutivas. Disto, Wittgenstein conclui que estes jogos são autônomos, por não se justificarem por objetos externos. Por fim, a linguagem como jogo, em que há um ponto em que a analogia se desfaz, diferindo a linguagem do dia a dia, analogamente entendida como um labirinto de ruelas tortuosas, enquanto os termos recentes dos saberes especializados, tais como a química e a matemática, seriam traçados de modo mais retilíneo e uniforme.

Para tanto, neste capítulo, tomaremos como ponto de partida a segunda fase do autor, isto é, das Investigações Filosóficas, como referência para a leitura da obra “Da certeza”. Nesta obra, encontramos uma crítica ao fundacionismo⁴, que assume como pano de fundo uma discordância com Moore e, em desdobramento, com o ceticismo, ao estabelecer quais são os fundamentos do conhecimento e da verdade.

Temos acesso, de fato, à verdade? Este questionamento fica implícito já nos primeiros parágrafos da obra supracitada, a partir da pergunta: “veja-se agora: pode alguém enumerar

4 Partiremos do entendimento de Moser (1999, p. 321), ao afirmar que o fundacionismo é uma teoria que alega haver uma justificação epistêmica para o conhecimento. Este fundamento que sustenta o conhecimento estrutura-se a partir de dois níveis distintos: o fundacional e o inferencial. O conhecimento fundacional não precisa de comprovação ou justificação, por ser aceito epistemologicamente como uma verdade. Ele serve como uma espécie de alicerce para a construção de todo saber, porque possibilita a aquisição do outro nível de conhecimento, o inferencial. O conhecimento inferencial é secundário, porque encontra suporte no fundacional e, por isso, não é auto justificável.

o que sabe (como Moore)?” (DC, § 6), e logo em seguida, respondeu de modo incisivo “Diretamente assim, não o creio” (DC, § 6). Para melhor compreender esta passagem, faz-se necessário entender como Moore entendia o fundamento do conhecimento, e em seguida, quais argumentos Wittgenstein utilizou para criticá-los.

Para Moore o conhecimento é possível e verificável, logo, a verdade é possível. Dito de outra forma, a negação do acesso à verdade não seria viável, uma vez que as hipóteses céticas, como a da existência do sonho ou de um deus enganador, ao sugerirem que o conhecimento empírico não é confiável, estaria fadada ao erro, porque possuímos, efetivamente, conhecimento de fatos empíricos (MOORE, 1970, p. 165). Este conhecimento justifica-se a partir de três condições elementares, a primeira é que a premissa da prova deve ser distinta da conclusão almejada, a segunda na necessidade de que conheçamos com absoluta certeza a verdade da premissa, e a terceira, é a indispensabilidade de que a conclusão almejada possa ser inferida efetivamente da proposição expressa pela premissa em questão (PEREIRA, 1995, p 112).

Ao seguir estes critérios, Moore conjecturou que

(...) longe de ser verdade, como Kant declara ser sua opinião, que existe apenas uma prova possível da existência de coisas fora de nós, qual seja, a que ele apresentou, posso dar agora uma série de provas diferentes, cada uma das quais é uma prova perfeitamente rigorosa; e que em muitos outros momentos estive em posição de dar muitas outras. Posso provar agora, por exemplo, que duas mãos humanas existem. Como? Mostrando minhas duas mãos e dizendo, enquanto faço um gesto com a mão direita, “Esta é uma mão”, e acrescentando, enquanto faço um certo gesto com a esquerda, “e esta é outra”. E se, ao fazer isso, eu provei *ipso facto* a existência de coisas externas, todos verão que posso também fazê-lo agora de inúmeras outras maneiras: não há necessidade de múltiplos exemplos (MOORE, 1970, p. 145-146).

Ao afirmar que não há a necessidade de múltiplos exemplos, porque lhe parecia claro o fundamento que garante a verdade acerca da existência das mãos, Moore pressupôs que se as premissas são verdadeiras, é possível concluir que é de comum acordo, com base em tais premissas, que este conhecimento é válido. Portanto, para Moore, haveria no senso comum, como no exemplo das mãos, uma revelação de algo que fundamenta-se em uma evidência, muito embora nem sempre possamos determinar quais sejam elas (GLOCK, 1998, p. 73).

Wittgenstein afirmou, sobre a questão das mãos, que:

Se você, de fato, sabe que *aqui está uma mão*, admitiremos tudo o mais. Quando alguém diz que uma certa proposição não pode ser provada, evidentemente que não quer dizer que não possa ser derivada de outras proposições; qualquer proposição pode ser derivada de outras. Mas estas podem não ser mais certas do que a já mencionada. (A este respeito existe um comentário interessante de H. Newman) (DC, § 1).

A discussão sobre a certeza da mão aponta para a ideia de que nem todos os fatos ligados a auto consciência estão isentos da crença fundacionista, isto é, de pressupor a necessidade de um fundamento que garanta a verdade de uma proposição, afinal, estamos cercados de verdades. Em relação a Moore, Wittgenstein procurou demonstrar que ele equivocou-se, da mesma forma que equivocaram-se os céticos clássicos. Para Wittgenstein, não faria sentido afirmar, como pretendeu Moore, que temos o conhecimento de nossas mãos, já que tanto uma dúvida, quanto uma afirmação de conhecimento da verdade de tais opiniões estariam igualmente fadadas a necessidade de algo que lhes distinga. Assim, não estaria claro qual é o limite da dúvida inteligível, o que é verificável nos aforismos: “Quem quiser duvidar de tudo não chegaria tampouco à dúvida. O jogo da própria dúvida pressupõe a certeza” (DC § 115); “Uma dúvida, que de tudo duvidasse, não seria nenhuma dúvida” (DC § 450); e “Fazemo-nos uma falsa ideia do duvidar” (DC § 249).

Nestas passagens, podemos perceber a refutação de Wittgenstein à possibilidade de qualquer conhecimento empírico com a pretensão de verdade. Baseando-se, de um lado, que se for possível que os nossos sentidos nos enganem alguma vez, em relação a realidade externa e as nossas opiniões, então é razoável supor que podemos estar sempre sendo iludidos. Ainda, se pressupomos o engano, podemos admitir que já fomos, de alguma maneira, mais ou menos iludidos pelas nossas experiências e, conseqüentemente, é igualmente razoável inferir que nossas percepções e opiniões não estabeleçam relação necessária com as coisas externas. De outro lado, o raciocínio ligado ao engano não se sustenta, porque a premissa de que já fomos iludidos constataria que, para sabermos acerca de ilusão, deveríamos poder pressupor uma verdade ou algo que a justificasse, em contraposição ao engano, ao acerto ou a certeza. Por isso, “não adianta nada dizer “talvez nos enganemos”, quando a evidência presente não for confiável, se nenhuma evidência for confiável” (DC, § 302). Além disso, se tudo pode ser duvidável, então, “(...) quando realizo experiências, não duvido da experiência do aparelho que tenho diante dos olhos. Tenho uma série de dúvidas, mas não esta” (DC, § 337).

Assim, sem nenhum fundamento confiável para considerarmos uma opinião observacional como verdadeira, também não há como justificar qualquer evidência para questionarmos a verdade a respeito desta própria proposição, isto porque a dúvida só é efetiva quando se estabelece a partir do interior de um jogo de linguagem (DC, § 24). A partir da noção de jogo de linguagem, Wittgenstein afirmou que “a dúvida deve estar calcada em determinadas razões ou motivos” (DC, § 458), afinal, ao aprendermos o sentido de expressões de dúvida, aprendemos ao mesmo tempo as necessidades de fornecermos razões para a mesma. Isto fica evidente no questionamento proposto na proposição “(...) eu sei que tenho um cérebro?” (DC, § 4), e junto a ela, a advertência, “posso duvidar dela? Para duvidar, faltam-me aqui os motivos” (DC, § 4). Assim, a dúvida precisa de um porquê, isto é, um *motivo* para justificar-se, afinal, “posso duvidar do que eu quero?” (DC, § 221).

Desta forma, para o filósofo vienense, qualquer expressão de dúvida só tem sentido

quando participa de um contexto no qual haja a possibilidade de convencermos do contrário e, por isso, “se se diz, por ex., “eu não sei se tenho uma mão aqui”, então alguém poderia replicar dizendo “olha mais de perto”. Esta possibilidade de convencer-se pertence ao jogo de linguagem. É uma das características essenciais” (DC, § 3).

Moore na obra *Defense of Common sense*, ao tentar reparar a justificativa sobre a opinião do conhecimento das próprias mãos, afirmou que:

Mas tenho realmente conhecimento de que todas as proposição em (1) são verdadeiras? Não é possível que não passem de meras crenças? Ao responder a esta questão creio não ter nada melhor a dizer do que parece-me que eu efetivamente sei com certeza que tais proposições são verdadeiras. (...) Eu de certo não sei exatamente qual era a prova. Entretanto, nada disso me parece ser uma boa razão para duvidar que as conheço. Todos nós nos encontramos, eu penso, nessa estranha situação em que sabemos de uma série de coisas, relativamente às quais sabemos além disso que deveríamos ter provas para elas, mas que não sabemos como as conhecemos, isto é, não sabemos quais seriam as provas (MOORE, 1993, p. 118).

No entanto, para Wittgenstein, essa certeza epistêmica não pode ser verificada, uma vez que Moore a identificou como uma espécie de estado mental. No entanto, fundamentar a verdade de uma proposição sobre um estado mental, expõe tal proposição a uma grande fragilidade. Matson expôs um acontecimento que explicita esta fragilidade:

G. R. Moore estava se apresentando na Howison Lectures no Wheeler Auditorium [em Berkeley, em 1941], que tinha um belo ornamento com painéis de vidro no teto. Dando um ângulo local à sua defesa do senso comum, Moore declarou que uma das coisas que sabia naquele momento era que a luz do sol estava entrando pelo telhado. A maior parte da audiência estava ciente, porém, de que os painéis de vidro eram difusores da iluminação elétrica: o telhado do prédio era sólido e opaco. Alguém teve a temeridade de observar isso para Moore no período dedicado aos questionamentos. Ele responde, “Ah, não!”, e seguiu para a próxima pergunta (MATSON, 1991, p. 7).

Em relação ao engano de Moore, Matson afirmou que “dizer que se sabe, mesmo enfaticamente e quando se é uma pessoa eminente, não acrescenta nada à validade de sua afirmação” (MATSON, 1991, p. 7). A impossibilidade de haver um argumento sólido que sustente a verdade, para Wittgenstein, se desdobra no problema do solipsismo.

Em relação ao solipsismo, Wittgenstein considerou que, ao pensarmos sobre a relação existe entre os objetos que nos rodeiam e nossas experiências que os apreendem, “somos tentados a dizer que essas experiências pessoais são o material em que consiste a realidade” (LA, p. 45). Considerar a realidade possível como a que é apreendida pela nossa experiência, para o filósofo, faria com que as coisas perdessem qualquer apoio ou fundamento. Assim, “somos ao invés disso deixados com uma quantidade de experiências pessoais de diferentes indivíduos. Essas experiências pessoais parecem vagas e em constante fluxo” (LA, p. 45). Este fluxo constante traria, inclusive, algumas confusões

filosóficas, como a tentação de dizer que somente a minha própria experiência é real, afinal,

“Eu sei que eu vejo, ouço, sinto dores, etc., mas não que qualquer outro seja capaz disso. Eu não posso saber disso, porque eu sou eu e eles são eles.” Por outro lado, me envergonho de dizer a outra pessoa que minha experiência é a única real; e sei que ela irá responder que pode dizer exatamente o mesmo sobre a experiência dela. Isso parece levar a uma discussão ridícula (LA, p. 46).

Ora, esta questão ligada as experiências, bem como a impossibilidade de verificação das mesmas em outras mentes, apontam para a irrealidade de duas esferas diferentes para “significar” e “dizer”, mostrando que não existe algum processo mental ligado ao pensamento, ao desejo, a crença, etc., independente do processo de expressar, dizer, afirmar. Portanto, para Themudo

A mostraçõo do que se pode entender por 'explicação do significado de uma palavra' - definições verbais ou ostensivas - revela, no metamorfismo do dizer que descreve o que pressupomos que aconteça, a presença oculta da operacionalidade dessa estrutura explicativa tendencial (THEMUDO, 1992, p. 88).

Assim, diante desta operacionalidade explicativa, emerge a necessidade de critérios que garantam, minimamente, a correta interpretação acerca do significado do termo explicado. Isto porque, se alguém disser que sente dor (UE II, § 37), o que garante que, de fato, esta pessoa não está fingindo? Para Wittgenstein, “os sinais de dor e de conduta de dor determinam o conceito “dor”. E também determinam o conceito “fingir dor”” (UE II § 37). Assim,

O signo característico do mental parece ser aquele que foi adivinhado de alguma outra maneira de algo externo e só é conhecido por si mesmo. Mas quando uma reflexão escrupulosa faz com que este ponto de vista se dissolva como se fosse humano, o que resulta não é que o interno seja algo externo, mas que “externo” e “interno” não são mais válidos como propriedades da evidência. A «evidência interna» não significa nada e, portanto, nem «evidência externa» (UE II, p. 61-62).

Diante da impossibilidade de distinguir os limites entre aquilo que tomamos por evidências internas e externas, o que nos resta, retomando o exemplo da dor, é perceber a conduta e o comportamento, acreditando serem estes os únicos indicativos possíveis. Dito de outro modo, “em consequência, a insegurança não pode eliminar-se porque, como afirmou-se, é parte do jogo de linguagem”. (VILLANUEVA, 1996, p. 16). O solipsismo que desponta desta impossibilidade do externo, enfraquece igualmente qualquer diferenciação entre a sensação e a simulação da sensação.

Para Wittgenstein, o mesmo vale para saber se o que eu vejo, é o mesmo que o outro vê, afinal,

A dificuldade que expressamos dizendo «não posso saber o que ele vê quando diz (sem mentir) que vê uma mancha azul» deriva da ideia de que «saber o que ele vê» significa: «ver aquilo que ele também vê»; não, contudo, no sentido em que o fazemos quando ambos temos o mesmo objeto perante os nossos olhos, mas no sentido em que o objeto visto seria um objeto, por exemplo, na sua cabeça, ou, nele (LA, p. 107).

Esta problemática retoma a ideia de que não há critério que valide tal conhecimento. De acordo com Glock, a noção de critério, para Wittgenstein, suporta três características distintivas e problemáticas. A primeira, ligada aos critérios que determinam o significado das palavras que governam, ao explicar os critérios que se tem para aferir se *algo é F* é especificar como se verifica a proposição “*a é F*”. Para tanto, especificar tais critérios fazem sentido a partir das regras para o uso de *F*, o que desloca a compreensão para o nível da gramática, restando fundamentá-la apenas pela perspectiva da convenção. A segunda característica do critério é o seu entendimento de como podemos determinar se sabemos alguma coisa. Para tanto, esta abordagem do critério pressupõe aferir a verdade de *p*, a partir da verificação de *p*. Neste caso, o critério reveste-se como uma evidência, pois sugere que *p* é logicamente independente de *q*, enquanto a relação é, na verdade, interna, o que remete a limitação da primeira característica do critério. A terceira característica do critério é que ele admite, em alguns casos, que as palavras são revogáveis, enquanto em outros, são irrevogáveis. Isto quer dizer que, em determinadas situações, um critério é uma condição logicamente suficiente, ou mesmo uma condição necessária e suficiente, porque seus atributos já estão contidos na ideia da proposição, como no exemplo de um triângulo ter três lados (GLOCK, 1998, p. 118-119).

Por isso, nem a experiência de uma criança que, ao sentir uma dor qualquer, encontra no choro um mecanismo para chamar a atenção dos demais, garante a partir da aplicação de critérios, a autenticidade e a verdade em contraposição a possibilidade de uma simulação. Para Wittgenstein, a simulação inserida no jogo de linguagem traz consigo uma complicação extraordinária.

Diante desta questão, faz sentido atribuímos o emprego de uma interpretação acerca de algo ser efetivamente “verdadeiro ou falso”? Para Wittgenstein, a formulação desta questão está incorreta, “porque é como se alguém dissesse que “concorda com os fatos ou não” e indagasse em seguida pelo que seja “concordância” aqui” (DC § 199), e logo adiante complementa, “(...) no que consiste então essa concordância, senão no fato de que o que nesse jogo de linguagem é evidência, corrobora a nossa proposição?” (DC § 203).

Por isso, predicados de verdade ou de concordância com a realidade são também expressões gramaticais como outras quaisquer, cujo emprego não é absoluto, já que “quem não tem consciência de nenhum fato, não pode ter consciência tampouco do sentido das suas palavras” (DC § 114). Portanto, o problema conforme postulado pelos críticos da pós-verdade, enquanto uma distorção entre a realidade e a percepção não é, no contexto

wittgensteiniano, um problema filosófico, já que ambos prefiguram uma mesma condição, a da linguagem. Com isto, Wittgenstein nos indica que o próprio sentido das palavras empregadas dentro do jogo já configuram-se como um fato empírico contingente. Assim, “suponha-se que substituo o “Eu sei” de Moore por “Eu tenho a convicção inabalável”? (DC § 85).

3 | CONCLUSÃO

No *Tractatus* nos aforismos 4.11 e 4.112, Wittgenstein diferencia a Filosofia das demais ciências naturais, por propor que esta última limitaria o campo do significado, enquanto a Filosofia o ultrapassaria. Esta superação consiste na investigação não só do que é meramente possível, mas naquilo que necessariamente a origina. Assim, enquanto ao cientista cabe à descrição, ao filósofo cabe à reflexão sobre as regras e instrumentos que perfazem a realidade. Com isso, Wittgenstein apregou a Filosofia o papel de terapia. A terapia filosófica consiste em desfazer os nós da linguagem, não mais com a pretensão entre verdade e inverdade, ou ainda, entre realidade e percepção, mas entre fazer ou não sentido. É por isso que

Se lhe perguntassem se, até agora, os filósofos disseram contra-sensos, pode-se responder: não, eles somente deixaram de notar que estão usando uma palavra com sentidos inteiramente diferentes. Nesse sentido, se dizemos que é um contra-senso dizer que uma coisa é tão idêntica com outra, isso necessita de qualificação já que, se alguém diz isso com convicção, então, nesse momento, ele quer dizer alguma coisa com a palavra “idêntico”, mas não tem consciência de que está usando a palavra, no caso, com um significado diferente daquele em $2+2=4$. (IF. 9, p. 41).

A resolução dos contra-sensos é, fundamentalmente, uma espécie de ajustamento gramatical, a partir das expressões utilizadas nas proposições, para que participem de uma mesma semelhança de família, isto é, de um mesmo contexto. Esse processo terapêutico da Filosofia serve para dissolver o problema entre verdade e pós-verdade, por entender que ambos os discursos são produzidos e, igualmente, carecem de qualquer fundamento.

A questão da pós-verdade, amplamente discutida na contemporaneidade é, a partir de Wittgenstein, algo que não prefigura um problema filosófico, quando se procura afirmar opor a verdade e a pós-verdade. Isto porque, ambas só podem ser analisadas se cumprem sua função em determinado jogo. Destarte, se é possível delinear alguma diferença entre as duas possibilidades, elas seriam muito tênues, assentadas na possibilidade de que o sujeito que discursa, o faz sempre com a intenção de transmitir alguma informação e, nos dois casos, esta transmissão vem sempre acompanhada de subjetividade. A chamada pós-verdade é uma informação cuja intencionalidade é fundamentalmente a de apregoar determinada leitura da realidade, afirmando-a como correta. No entanto, sob a luz da filosofia wittgensteiniana, a verdade segue o mesmo processo, com uma mesma carga

intencional.

Para Wittgenstein, portanto, “deve perguntar-se sempre: como é que devemos olhar para este problema de modo a tornar possível a sua solução?” (AC, II, 11). O próprio filósofo, ao referir-se a um artista que representa algo através de um vidro vermelho, fica limitado a graduações do vermelho, o que limita sua possibilidade artística de representação. O mesmo aconteceria se fosse posto uma espécie de vidro azul (AC, II, 13). Se um artista fica limitado, quando pinta algo a partir de tonalidades que ele escolhe, podemos pensar não necessariamente em uma possível solução, mas em uma pista a este problema a partir da multiplicidade de cores que o artista, ao dispor, consegue retratar melhor a imagem.

Não obstante, analogamente, entre a verdade e a pós-verdade, há a possibilidade de pensar sobre qual das duas representa um prisma maior de compreensão sobre determinada realidade, com mais cores, ainda que tal paleta de cores seja resultante das semelhanças de família que embasam ambos os jogos gramaticais. Assim, longe de qualquer pretensão acerca de um critério que estabeleça ou não a possibilidade de verdade, a amplitude de perspectivas e de olhares é, pelo menos, no sentido pragmático, um suporte para que determinado discurso tenha mais aceitabilidade. Como observamos na pós-verdade, o que existe é um estreitamento do discurso para que o ouvinte seja induzido a crer, sob um “vidro vermelho ou azul”. No entanto, o caráter quantitativo, das cores ou dos diversos olhares sobre a realidade, também não garante qualquer validade para a verdade.

Da mesma forma, a tensão existente a realidade e a percepção não pode ser verificada porque o modo como a realidade é percebida também faz parte de um sistema de convenções, que pertencem a determinados jogos linguísticos. Por isso, em uma tribo de pessoas cegas, quem pudesse ver seria entendido como uma anomalia ou exceção. Logo, diante da afirmação “podes andar sem chocar com qualquer coisa, eu não posso” (AC, III, 346), a primeira parte da proposição não traria nada de novo, no entanto, a segunda parte contrasta uma experiência vivida de modo particular e diferente de quem enxerga. A isto, retoma-se a perspectiva pragmática que a linguagem e a própria percepção da realidade têm, ligadas ao que foi vivenciado, ainda que as “proposições de experiência” (III, 348), tragam uma certa dose de certeza.

REFERÊNCIAS

ALLCOTT, Hunt; GENTZKOW, Matthew. 2017. **Social Media and Fake News** in the 2016 Election. *Journal of Economic Perspectives*, 31(2): 211-36. Disponível em: Acesso em: 03 de março de 2019.

BALLOUSSIER, Anna Virginia. **Movido por notícia falsa, homem atira dentro de pizzaria nos EUA**. Folha de São Paulo. Nova York, 05 dez. 2016. Disponível em: Acesso em: 03 de março de 2019.

BENITES, Afonso. **A máquina de ‘fake news’ nos grupos a favor de Bolsonaro no Whatsapp**. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/26/politica/1537997311_859341.html. Acesso 03 de março de 2019..

CASTELLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. In: A Sociedade em rede. São Paulo : Paz e Terra, v. 1, 2000.

CASTILHO, Carlos. **Apertem os cintos: estamos entrando na era da pós-verdade**. Observatório da Imprensa. São Paulo, ed. 921, 28 set. 2016. Disponível em: Acesso em: 03 de março de 2019.

ENGLISH OXFORD LIVING DICTIONARIES. **Word of the Year 2016** is... 2016. Disponível em: <https://en.oxforddictionaries.com/>. Acesso em: 20/12/2020.

GLOCK, Hans. **Dicionário Wittgenstein**. Trad. Helena Martins. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LLORENTE, José Antonio; ZANZALEJOS, José Antonio; et. al. **A era da pós-verdade: realidade versus percepção**. Revista Uno: desenvolvendo ideias, São Paulo, n° 27, p. 9-13, março de 2017.

MALCOLM, N. L. **Wittgenstein, A memoir**, New York: Oxford University Press, 1984.

MATSON, Wallace I. **Certainty Made Simple**, In: A.P. Martinich / Michael J. White, 1991.

MOORE, **Defense of Common sense**, reimpresso em G. E. Moore, Selected Writings, p. 118, London, 1993.

MOORE, G. E. **Proof of an external world**. Selected Writings, 1970. Disponível em: <http://selfpace.uconn.edu/class/ana/MooreProof.pdf>. Acesso em: 03 de março de 2019.

PEREIRA, Roberto. **Fundacionismo, holismo e contextualismo no Sobre a Certeza, de Wittgenstein. O que nos faz pensar**, [S.l.], v. 7, n. 09, p. 110-130, oct. 1995. ISSN 0104-6675. Disponível em: <<http://www.oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/index.php/oqnf/article/view/86>>. Acesso em: 20/12/2020.

PERUZZO, Léo. **Wittgenstein e a dívida a James: a atmosfera filosófica da práxis na constituição do cognitivismo moral pragmático**, p. 305-319, In: Cognitio, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 305-320, jul./ago. 2015. Acesso: 20/12/2020.

SENRA, Ricardo. **Na semana do impeachment, 3 das 5 notícias mais compartilhadas no Facebook são falsas**. BBC. Brasília, 17 abril 2017. Disponível em: < <https://goo.gl/MRMe7y>>. Acesso em: 20/12/2020.

SILVERMAN, Craig. **This Analysis Shows How Viral Fake Election News Stories Outperformed Real News On Facebook**. BuzzFeed News. Canada, 16 nov. 2016. Disponível em: . Acesso em: 03 de março de 2019.

STROLL, Avrum. **Moore and Wittgenstein on Certainty**. New York: Oxford University Press, 1994.

THEMUDO, Marina Ramos. **Solipsismo. Viagens de Wittgenstein à volta de uma questão**, p- 83-96, In: Revista Filosófica de Coimbra I: Coimbra Vol. 1, N° 1, 1992.

VILLANUEVA, Luis Manuel Valdés. **Estudio Preliminar**. In: WITTGENSTEIN, Ludwig. Últimos escritos sobre **Filosofía de la Psicología**. Lo interno y lo externo. v. 2. Tradução Luis Manuel Valdés Villanueva. Madrid: Editorial Tecnos, 1996.

VISCARDI, Janaisa Martins. **Fake News, Verdade e Mentira Sob a Ótica de Jair Bolsonaro no Twitter**. Trab. linguist. apl. vol.59 no.2 Campinas May/Aug. 2020 Epub Sep 16, 2020, disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132020000201134&tlng=pt. Acesso 20/12/2020.

WERTHEIN, Jorge. **A sociedade da informação e seus desafios**. Brasília, v. 29, n. 2, p. 71-77, maio/ago. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n2/a09v29n2.pdf>. Acesso: 03 de março de 2019.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Anotações sobre as cores**. Edições 70, 2018. (AC)

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Cuadernos de notas (1914-1916)*. Trad. ALONSO, Juan David Mateu. Madrid: Editorial Sintesis, 2009.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Da Certeza**. Trad. Maria Elisa Costa. Lisboa: Edições 70, 1990. (DC)

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. São Paulo: Vozes, 1996. (IF)

WITTGENSTEIN, Ludwig. **O livro azul**. Lisboa: Edições 70, 2008. (LA)

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Lógico-Philosophicus**. Traduzido por SANTOS, Luiz Henrique Lopes dos. São Paulo: Ed. USP, 2008. (TLP)

WITTGENSTEIN, Ludwig. Últimos escritos sobre a Filosofia da Psicologia. Trad.: António Marques, Nuno Venturinha, João Tiago Proença. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007. (UE)

ZARZALEJOS, José António. **Comunicação, jornalismo e fact-checking**, p 11-13, *In* LLORENTE, José Antonio; ZANZALEJOS, José Antonio; et. al. **A era da pós-verdade: realidade versus percepção**. Revista Uno: desenvolvendo ideias, São Paulo, n° 27, 2017. Acesso: 03 de março de 2019.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

DENISE PEREIRA - Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Especialista em Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento (CENSUPEG). Especialista em Docência do Ensino Superior, Gestão e Tutoria Ead e Especialista em Gestão Educacional. (FABRAS) Graduada em História (UEPG) e Graduada em Pedagogia (IBRA).

MARISTELA CARNEIRO - Pós-Doutoranda pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – Unicentro. Doutorado e Pós-Doutorado em História pela UFG e pela UFMT, respectivamente. Docente do curso de História na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Americanismo 118, 125, 127, 128

Arquitetura 5, 8, 75, 78, 82, 91, 92, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 113, 115, 116, 117

Axel Honnet 7, 48, 49, 57, 58

B

Benedeiras 1, 2, 3, 4, 8

Biodiversidade 7, 21, 22, 23, 25, 31, 32

C

Catolicismo 1, 4, 5, 8, 9

Charles Taylor 7, 48, 49, 50

Comunicação 5, 13, 17, 18, 19, 21, 22, 30, 35, 36, 65, 101, 103, 106, 119, 139, 144, 145, 146, 158, 159, 174, 175, 176, 178, 187, 188

Comunismo 118, 120, 122, 127, 128

Cultura 2, 7, 1, 2, 3, 4, 7, 8, 9, 10, 11, 16, 18, 23, 30, 31, 32, 48, 49, 54, 91, 92, 94, 95, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 106, 145, 152, 157, 158, 165, 168, 186, 188

D

Desenvolvimento Local 11, 13, 15, 17, 19, 103

Design para Territórios 21, 23, 24, 28

Disciplinas 7, 34, 35, 37, 40, 41, 42, 43, 45, 46

Discriminação 7, 50, 51, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 74, 154, 157

Discurso 82, 103, 131, 133, 134, 135, 137, 138, 145, 175, 185

E

Ensino Superior 3, 11, 12, 34, 35, 36, 37, 45, 188

Estados Unidos 118, 119, 120, 121, 125, 126, 127, 128, 130, 138, 157

F

Fernando Chacel 8, 75, 76, 77, 78, 79, 84, 88

G

Gay 8, 143, 144, 145, 147, 148, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158

Gênero 5, 1, 3, 51, 56, 58, 72, 118, 143, 147, 148, 154, 156, 159, 161, 165, 166, 168, 169, 170, 172, 173

Gestão Educacional 11, 188

Gestão Estratégica 11, 13, 14, 18, 19

H

História 1, 2, 5, 7, 9, 10, 37, 55, 59, 84, 85, 93, 103, 104, 105, 113, 118, 119, 121, 122, 123, 125, 128, 130, 131, 132, 133, 141, 142, 159, 173, 174, 175, 188

Historiografia 9, 77, 105, 106, 108, 117, 162, 168, 170

I

Identidade 7, 3, 13, 14, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 26, 31, 48, 49, 50, 51, 53, 54, 56, 59, 97, 98, 101, 106, 127, 131, 132, 133, 134, 137, 143, 147, 149, 153, 154, 156, 157, 158, 159, 162, 173

Identidade local 7, 21, 23, 98

Idioma Global 34, 35, 36

Imagem organizacional 11, 12, 13, 18, 19

Inglês 7, 34, 35, 36, 37, 40, 41, 42, 43, 45, 46

Internacionalização 34, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 43, 45, 93, 95, 97, 98, 103, 136

Internacionalização em casa 34

L

Le Carré Bleu 8, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 115, 116, 117

Literatura 5, 8, 2, 10, 23, 24, 35, 118, 119, 121, 123, 124, 125, 128, 130, 165

M

Masculinidades 143

Meio Ambiente 1, 2, 3, 83, 96, 98, 110

Moçambique 7, 60, 61, 62, 72, 73

Moda 143, 145, 146, 147, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160

Modinha 8, 161, 162, 165, 168, 169, 170, 172, 173

Modos de Vestir 8, 143, 147, 148, 149, 151, 152, 153, 155, 156, 157, 158

Mulheres 7, 3, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 100, 120, 147, 148, 152, 158, 160, 170

N

Nancy Fraser 7, 48, 49, 53, 57, 58

P

Paisagismo moderno 75

Patrimônio 75, 91, 94, 99, 103, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142

Plantas alimentícias não convencionais 7, 21, 32

Pós-Verdade 9, 174, 175, 176, 177, 183, 184, 185, 186, 187

Processos identitários 8, 161, 162, 163, 173

R

Reconhecimento 7, 23, 24, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 78, 94, 96, 99, 100, 102, 119, 127, 132, 154

Representações Sociais 2, 8, 69, 143, 144, 145, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 162, 168

Restituição 131, 132, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 142

S

Saraus 8, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 168, 170, 171, 172, 173

Serestas 8, 161, 162, 163, 164, 168, 169, 170, 171, 172, 173

Sociedade Goiana 161, 162, 163, 165, 168, 172, 173

T

Teorias 19, 48, 51, 57, 58, 143, 145, 156, 160

V

Verdade 9, 16, 122, 125, 149, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 183, 184, 185, 186, 187

VIH/SIDA 60, 63, 67, 69, 71, 73

Vilas Operadoras 75, 76, 77, 79, 91, 92

Vulnerabilidade 50, 60, 62, 69, 70, 72

W

Wittgenstein 9, 174, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

FENOMENOLOGIA E CULTURA: IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS 3

 **Atena**
Editora

Ano 2021

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

FENOMENOLOGIA E CULTURA: IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS 3

 **Atena**
Editora

Ano 2021